

Show de Marcelo
D2 & Sambadrive
reabre o Manouche

PÁGINA 3



Mario Marques
faz sua estreia
na literatura

PÁGINAS 4 E 5



Ecos da arte grega
em exposição na
Casa Eva Klabin

PÁGINA 8



2º CADERNO



Universal Pictures

Dragões entram na briga pelo topo do ranking

‘Como Treinar o Seu Dragão’ chega às telonas em um live-action que sonha em desbancar ‘Lilo & Stitch’, o “primo distante” que levou crianças e adultos para os cinemas

Por **Pedro Sobreiro**

Anunciada em fevereiro de 2023, a versão live-action (com atores de carne e osso) de ‘Como Treinar o Seu Dragão’ pegou os fãs de surpresa. Não apenas pela proximidade com o fim da franquia original (2010-2019), mas principalmente porque o projeto parecia ser complexo demais para ser adaptado neste formato. Esta é a grande aposta de DreamWorks para desbancar a Disney do topo das bilheterias, que estão dominadas pelo fenômeno ‘Lilo & Stitch’, que compartilha uma grande coincidência com este novo ‘Como Treinar o Seu Dragão’: ambos são adaptações em live-action de animações de sucesso que foram escritas e dirigidas pelo cineasta e animador canadense, Dean DeBlois. Porém, diferentemente do sucesso da Disney, que apostou em uma nova equipe criativa para fazer modificações na história, a DreamWorks optou pela fidelidade total à animação que conquistou e cresceu junto a uma geração de fãs, que agora anseiam por reviver aquele encantamento dos anos 2010.

Iniciada em 2010, a franquia original de “Como Treinar o Seu Dragão” se inspirou nos livros da autora Cressida Cowell, que alcançou vendas superiores a 16 milhões de cópias em 46 idiomas ao redor do mundo. Embora não haja informações públicas específicas sobre o faturamento total gerado apenas pelos livros, a franquia como um todo — incluindo adaptações cinematográficas, séries de TV e produtos licenciados — representa um fenômeno global de grande sucesso.

No entanto, a animação trouxe apenas os nomes e a essência dos personagens, e a ideia base para as telas, construindo uma história completamente diferente do livro homônimo. Isso deu muito certo. O primeiro filme foi um sucesso, rendendo mais dois capítulos cinematográficos e três séries derivadas para TV a cabo e streaming.

Para comandar essa aventura em carne e osso, a DreamWorks decidiu apostar no seguro. Chamou de volta o diretor da trilogia animada, Dean DeBlois, e deu a ele controle total sobre esses personagens que o próprio ajudou a eternizar nos corações dos fãs.

Continua na página seguinte

Assumindo como diretor, DeBlois chamou o ator Gerard Butler (300), que havia interpretado Stoico, o Imenso - o líder da Ilha de Berk - nas animações para reprisar seu papel no live-action. Já as crianças, que foram interpretadas por atores adultos há 15 anos, tiveram de ser reescaladas, sendo a grande novidade para essa versão.

O papel mais difícil para ser escalado era o do Soluço, o grande protagonista da história. Dono de um carisma impressionante, o personagem é uma criança magrinha, sarcástica e insegura. Felizmente, o time de casting encontrou Mason Thames, que havia surpreendido Hollywood com sua atuação no terror “O Telefone Preto” (2022), e ele deu conta do recado.

Em entrevista ao Collider, o comediante Nick Frost, que interpreta o ferreiro Bocão, rasgou elogios ao jovem ator, ressaltando sua capacidade de improviso e como ele parecia um desenho animado que ganhou vida. “Mesmo quando não estávamos filmando, o elenco parava para vê-lo em ação, para ver como sua atuação corporal funcionava. Era muito estranho e engraçado, porque ele tem esses ossos engraçados e uma postura em cena que é adorável, como um desenho animado. Eu passei um bom tempo com a família dele e eles são todos adoráveis”, comentou Frost.

Além de Soluço, a outra personagem humana que sobra em tela é a Astrid, interesse amoroso do protagonista e a viking mais durona de Berk. Com uma carreira promissora, a britânica Nico Parker foi escolhida para o papel. A jovem entendeu a personagem como ninguém e trouxe muito carisma e força para a Astrid.

“No caso de Nico e Mason, esses dois trouxeram vida na hora em que entraram na sala de testes, e senti que ambos incorporaram as essências de Soluço e Astrid de um jeito que ninguém mais seria capaz”, revelou o diretor Dean DeBlois.

A trama do filme é a mesma da animação. A ilha de Berk é conhecida por ser alvo constante do ataque de dragões, animais fantásticos e perigosos que roubam ovelhas e destroem casas. Isso criou uma geração de vikings robustos e especialistas na caça destas criaturas.

Porém, o pequeno Soluço, filho do líder de Berk, nunca levou jeito para a coisa. Atrapalhado e criativo, ele é motivo de piada em toda a ilha, não sendo bem aceito pelas outras crianças e trazendo vergonha para o pai, que é um bruto. Só que a vida de todos muda para sempre quando Soluço derruba



Helen Sloan/Universal Pictures

O diretor Dean DeBlois no set de filmagem com o ator Gabriel Howell (Melequento) e Nico Parker (Astrid).

A trama do filme é muito fiel à animação que inaugurou a franquia

um Fúria da Noite, a espécie mais letal dos dragões, e se recusa a matá-lo. Na verdade, ele começa a estudá-lo e desenvolve uma grande amizade entre viking e dragão, mostrando à Berk que tudo que eles pensavam saber sobre os dragões estava errado.

Como a saga original já havia feito muito sucesso, alguns fãs estranharam o retorno de Dean DeBlois para a franquia. Afinal, ele saiu da saga com 100% de aproveitamento, lançando três filmes de excelentes avaliações

de público e crítica. Mas, segundo o próprio, o coração falou mais alto.

“Eu decidi revisitar ‘Como Treinar o Seu Dragão’ porque achei que seria uma oportunidade incrível de dirigir um live-action e mergulhar novamente em um mundo do qual sinto muita falta. Sinto saudades desses personagens, sinto falta desse mundo incrível. E amo que os filmes têm uma mensagem contundente escondida atrás de um espetáculo comovente, de

aventura, de encantamento. E é isso que este filme oferece. É sobre um garoto normal que cria uma conexão com um animal poderoso, e isso tem um apelo universal. Mas no fundo, é uma história sobre encontrar sua própria voz e ter coragem para seguir suas convicções em um mundo que quer que você seja como todos os outros. Aprender a agir conforme minhas convicções foi algo tão importante para mim, que adoro passar essa mensagem adiante”, explicou Dean DeBlois.

Esse retorno possibilitou o diretor a refazer momentos icônicos do longa original, mas com novas perspectivas. Em entrevista à MTV Brasil, DeBlois revelou ter chorado em uma cena específica justamente pelo impacto de ter atores de carne e osso envolvidos em um momento de grande emoção.

“A cena em que o Soluço tem que matar um dragão em frente a toda a aldeia... Ter um grupo de atores de verdade no set, que estavam atuando de verdade as reações à relação entre o Stoico e o Soluço, ou entre o Soluço, a Astrid e o Banguela, foi como se um poder, uma maturidade tomasse conta, o que realmente trouxe muita emoção para a cena. Eu chorei no set. Nós tínhamos uma câmera focada no Mason [Soluço] enquanto o Stoico fazia o discurso sobre estar orgulhoso do filho finalmente estar se tornando um viking, e todos ao redor estavam rindo dele. Com a câmera, é possível ver a dor no rosto do Mason. A dor de alguém que teve de suportar ser exposto ao ridículo e virar alvo de zombarias, e ainda assim escolheu seguir seu coração. Acho que é por isso, inclusive, que o Soluço é um personagem que é tão identificável para tantas pessoas”, afirmou.

Por fim, o diretor disse estar muito grato mesmo pela chance de poder revisitar esses personagens tão amados.

“Espero que as pessoas que assistiram e amaram a trilogia original gostem do que fizemos aqui, porque tem muito respeito e amor envolvidos. Isso tudo é uma aventura gigantesca e eu acordo todos os dias agradecendo a oportunidade de fazer isso novamente”, concluiu.

Apesar de uma sequência ainda não ter sido confirmada, o resultado final desta versão está tão lindo que parece apenas uma questão de tempo para que a Universal Pictures dê o sinal verde para ‘Como Treinar o Seu Dragão 2’.

Com estreia marcada para a próxima quinta-feira (12), ‘Como Treinar o Seu Dragão’ já terá sessões especiais a partir deste sábado (7). É garantia de diversão e emoção para toda a família.

D2, mas mantenha a batida

Acompanhado pelo Sambadrive, cantor e compositor faz o show de reabertura do Manouche nesta quinta

Por Affonso Nunes

Após três meses fechado para reforma, o Manouche reabre as portas nesta quinta-feira (5) com show de Marcelo D2 & SambaDrive. Instalado no subsolo da Casa Camolese, no Jardim Botânico, a casa retoma sua programação celebrando sete anos de existência. Nesta noite de reabertura, o vocalista do Planet Hemp apresenta versões jazzy para suas letras incisivas, acompanhado pela formação do SambaDrive.



Marcelo D2 e os músicos do trio Sambadrive

O trio é composto por músicos experientes: Mauro Berman (baixo), Pablo Lapidusas (teclados) e Lourenço Monteiro na bateria. Juntos, eles trazem uma sonoridade sofisticada que mescla samba, jazz e hip-hop, recriando clássicos da carreira de D2 com uma nova roupagem.

Desde a inauguração, o Manouche se destacou por promover encontros raros e intimistas. Foi ali que Moraes Moreira fez sua última apresentação, dividindo espaço

com nomes como Maria Bethânia e Adriana Calcanhoto. O palco, com capacidade para 250 pessoas em pé ou 100 sentadas, é conhecido por acolher tanto artistas consagrados quanto representantes da nova geração, sempre sob curadoria atenta de sua diretora artística Alessandra Debs.

A reforma recente reconfigurou não apenas o espaço físico, mas também a identidade visual da casa. A decoração leva a assinatura de Nina Becker, diretora criativa

e cantora que figura entre as presenças constantes no palco vermelho. Cores como rosa, dourado e prateado agora se misturam ao tradicional veludo vermelho, evocando uma atmosfera de cabaré tropicalista. O design gráfico também foi renovado, sob a responsabilidade de Philippe Leon.

Do corrimão dourado com corações na escada de entrada ao cuidado dispensado à cabine de som e ao camarim, a reforma buscou preservar o espírito original da casa enquanto atualizava sua forma. “Não reformamos só as instalações, cuidamos da alma da casa, das pessoas que fazem com que a magia aconteça, no palco e em seus bastidores”, explica Nina.

“O mais importante do projeto é que cada escolha vai além da estética e é repleta de significados”, afirma Alessandra. “O Manouche volta ainda mais convicto da função sublime da arte e das ideias em transformar e embelezar o mundo.”

SERVIÇO

MARCELO D2 & SAMBADRIVE

Camolese (Rua Jardim Botânico, 983 – subsolo)

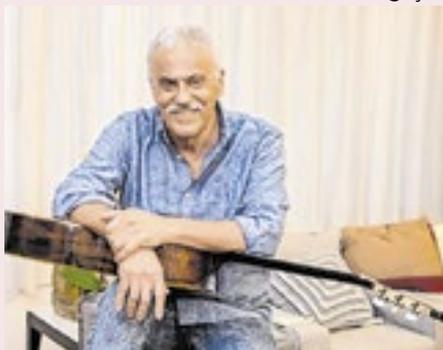
5/6, às 21h

Ingressos esgotados

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Era dos festivais

Danilo Caymmi apresenta o espetáculo “Andança – 50 Anos” nesta quinta-feira (5), às 19h, no Espaço BNDES. O show celebra os festivais da canção que marcaram época e consagraram músicas e artistas na história da MPB. Com 55 anos de carreira e 17 discos lançados, o cantor e compositor relembra a trajetória iniciada justamente com “Andança”, canção emblemática defendida pela saudosa Beth Carvalho no Festival Internacional da Canção.

Clara Lira/Divulgação



Bailão do Toni

Toni Garrido apresenta nesta quinta-feira (5), às 22h30, no Blue Note Rio, show do projeto Baile Free, em que mistura black music, eletrônico e hits que marcaram sua trajetória desde os tempos do Cidade negra como “Girassol”, “A Sombra da Maldade”, “Estrada” e “O Erê”. A performance marca uma nova fase solo do artista, com repertório autoral, parcerias e releituras como “Palco”, “Lilás” e “Pescador de Ilusões”.

Divulgação



Música no Museu

A série Música no Museu inicia sua temporada de recitais de junho nesta quinta-feira, às 12h30, no Museu da Justiça. O trio formado pelos instrumentistas Lucas Faria (trombone), João Sinval (saxofone) e Pablo Panaro (piano) interpreta obras de Grondahl, Whigham, Villani-Côrtes, Singelée e Radamés Gnattali. A apresentação marca a parceria entre a UniRio e uma das mais tradicionais séries de música clássica do país.

Divulgação

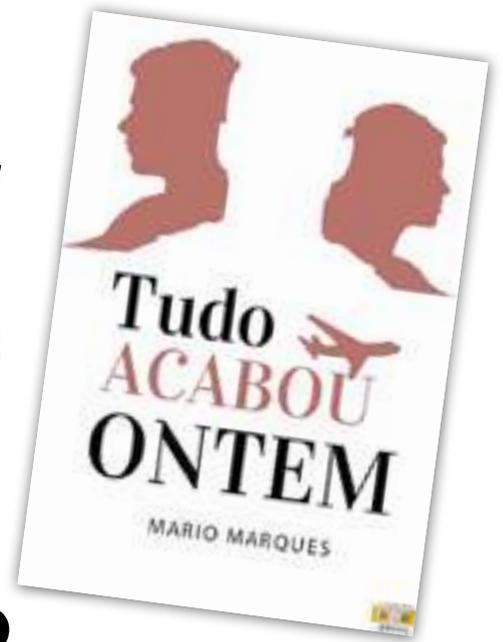


Romance no ar

O cantor Márcio Gomes comemora seu aniversário no palco do Teatro Rival Petrobras nesta quinta-feira (5), a partir das 19h30, com o show “Comemorando com Você”. Dono de um timbre pra lá de romântico, o cantor revive momentos marcantes da carreira, recebe convidados especiais e interpreta clássicos do repertório romântico como “Força Estranha”, “Resposta ao Tempo” e “Eternas Canções”.

ENTREVISTA / MARIO MARQUES, ESCRITOR, CRÍTICO MUSICAL E EMPRESÁRIO

‘Uma geração inteira assistiu ao século 20 terminar sem aviso prévio’



Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Embora “Sunday Blood Sunday”, “Seconds” e “New Year’s Day” abram a playlist que embala as páginas de “Tudo Acabou Ontem”, fazendo do U2 o filé de seu banquete, o cardápio musical do primeiro romance de Mario Marques tem faixas de Echo & The Bunnymen, The Police, Rush, Queen e “Let’s Dance”, de David Bowie. São canções que se trançam a memórias juvenis do crítico musical, publicitário e bamba do marketing político. O ponto de partida é sua Nova Iguaçu de berço. Formado ainda criança por um radinho de pilha, MM cresceu no jornalismo cultural como um dos mais ferinos (e, por isso mesmo, autênticos) resenhistas que a indústria fonográfica conheceu na imprensa brasileira. Depois de onze livros que passam por eleições (“Voto do Futuro”), comportamento social (o delicioso “Como Identificar E Lidar Com Um Mau-Caráter”) e pela MPB (“Guinga: O Compositor Que Perpetua O Tempo”), ele agora atraca seu encouraçado na prosa literária, revivendo seu passado com um lirismo que dói. “É o meu livro mais ambicioso e desafiador, mas venho escrevendo na vida desde os 14 anos”, diz Marques, formado em Comunicação Social pela Gama Filho, com passagem por redações como as de O Globo e do Caderno B do Jornal do Brasil.

Criador de duas revistas de música (“Clava do Som” e “Laboratório Pop”), MM passou por agências de marketing, estudando retórica, especializando-se em pesquisa e dominando as estratégias que levam um candidato à vitória. Nessa andança, manteve o apreço pela artesanaria melódica (e pelo U2) consigo e arriscou emprestar palavras às emoções que experimentou ao longo de seus 55 anos. “Tudo Acabou Ontem”, que sai pela Editora Laboratório Pop Books, é o fruto mais tocante desse palavreado que jorrou, no papel, como um descarrego.

Nesta quinta, ele vai estar no restaurante Hollandaise, na Barra da Tijuca (Av. Lucio Costa, 5750), para autografar sua criação. Na

mesma data, o romance também será lançado online mundialmente, para venda via Amazon, em 10 idiomas.

Seu texto transporta nossa imaginação para 1982, uma época de amores puros e impossíveis, contrastando com as relações líquidas e voláteis do presente. Segundo MM, trata-se de “um filme escrito”. Sua trama se trifurca entre três cidades — Nova York, Kansas City e a já citada Nova Iguaçu — numa triagem da perda, não apenas da pessoa amada, mas da própria experiência amorosa. Através de cartas não enviadas, músicas marcantes e lembranças persistentes, o livro questiona o que acontece com os amores que não podem ser vividos.

Em Nova York, vive Paddy. Funcionário

da Tower Records, tímido, quase invisível, ele descobre nas fitas cassete um modo de tocar o coração de alguém que jamais ousou encarar de frente. Essa mulher é Cora, assistente de uma designer, exilada do frio canadense e apaixonada por música.

Em Kansas City, o protagonista é Geddy. Solitário, deslocado, o garoto ouve rádio como quem ouve um oráculo. Descobre o U2 antes de todo mundo. A partir dali, constrói sua própria mitologia da coragem.

Em Nova Iguaçu, quem conduz a trama é Franco. Adolescente de classe média, curioso e entediado, ele mora numa rua íngreme de onde vê o morro e o mundo. Um dia, vê também Evie, mulher mais velha, casada com Douglas, um comissário de bordo que vive entre viagens e negócios escusos. Evie não fala muito, mas olha, e Franco, sem saber o porquê, passa a viver para vê-la. O flerte cresce, o desejo toma forma, e o encontro acontece. Eles ouvem U2, jogam Atari, dançam sozinhos na sala. Até que Douglas chega. Bêbado, paranoico, armado. O amor, que mal começara, vira tragédia.

A escolha dos anos 1980 como cenário é uma declaração de princípios, onde a ausência de tecnologias modernas permite que os personagens vivam intensamente, ainda que em meio ao vazio ou à tragédia. A discografia do U2, serve como um fio condutor essencial, moldando as emoções e decisões dos personagens.

Na entrevista a seguir, MM dimensiona essa jornada memorial.

De que maneira a prosa literária - sobretudo uma tão confessional - dá vazão às suas angústias pessoais e geracionais e o quanto, conscientemente, emprega ferramentas da sua relação profissional com o jornalismo?

Mario Marques: Relancei o portal de rock Laboratório Pop para não perder de vista a música, mas me especializei em ler cenários eleitorais. Esse é o meu foco hoje. A prosa confessional, para mim, é quase uma pulsação descontrolada. Ela escapa, às vezes, sem que eu tenha domínio completo, mas ao mesmo tempo exige estrutura — é um caos com rigor. Escrevi “Tudo Acabou Ontem” com essa necessidade visceral de capturar dores que são minhas, mas que percebo ecoarem numa geração inteira que assistiu ao século 20 terminar sem aviso prévio. A angústia geracional vem da consciência de que vivemos uma transição de mundo: entre o analógico e o digital, entre a possibilidade do amor romântico e a sua atual precarização afetiva. Como jornalista, fui treinado a observar, a cortar excessos, a dar ritmo e precisão à palavra. Isso me ajudou enormemente na composição do romance, porque sei onde há gordura, onde falta silêncio. A disciplina da escuta — tão central no jornalismo e na crítica musical — também me fez um autor atento aos sons por trás da fala dos personagens.

O crítico de música que você é se posiciona como ali?

O crítico de música que há em mim apa-

Divulgação



rece o tempo todo: o livro é cheio de trilhas, ruídos, silêncios pesados como pausas de bateria. A música — e a crítica dela — não é ornamento ali, é nervo. O livro é uma metáfora do amor puro. Que na minha visão acabou. E por isso não se concretizam no livro. Escrevi o livro como um filme em palavras. Porque não sou um escritor de ficção. Muitas vezes, com distanciamento crítico, nem me sinto um escritor. Sinto-me mais um condutor e tradu-

tor do que há dentro de mim. Tenho muita saudade de quando entrava numa redação cheio daquela energia juvenil de construir lead, textos, de expressar-me sobre as canções que ouvia, mas isso já é passado há muito tempo. Ficou só a saudade de me encontrar com meu terminal de computador como se fosse a extensão do meu cérebro.

Qual foi o momento em que U2 mu-

dou seus tímpanos, dividindo Bono do resto? Que músicas mais e melhor servem de trilha para a leitura do teu romance?

Eu lembro exatamente quando “Boy”, “October” e “War” chegaram à minha casa. Minha avó trouxe pra mim, por encomenda, de uma viagem à Europa. Eu completei essa hipnose quando o dono de um bar chamado Calypso Video Bar, um japonês, emprestou-me o VHS de “Live at Red Rocks” para eu copiar. Aquilo ali mudou minha vida por completo. Eu lembro de passar anos assistindo ao mesmo show. Se você assistir comigo, eu posso dizer até o que determinado espectador vai fazer, pra que lugar do palco o Bono vai, quando ele chama o The Edge pra frente. Aquilo ali é o resumo da minha vida adolescente: tudo é muito ingênuo, autêntico, puro, poético. Tive a grande oportunidade de entrevistar Bono e Larry para O Globo e acho que consegui transmitir para eles o amor que eu sentia pelo U2 no começo da carreira. Pelo menos até o “The Unforgettable Fire”. Depois nada mais me interessou na banda. O meu alter ego na história de Nova Iguaçu traz algumas passagens reais. Como a do meu pai me presenteando com um videocassete. Eu lembro que meu pai me esperava do lado de fora da escola quando eu estava fazendo provas de recuperação. Ele havia guardado o videocassete no armário até eu passar de ano e me disse: “Parabéns, Mário. Aqui está a chave. Vai lá e pode pegar o videocassete”. Aquela imagem do meu pai, aquelas palavras, de meritocracia, foram um ensinamento vital pra mim. “October”, a canção, resume a tristeza e o silêncio interno da minha vida adolescente. Mas há gritos como “Glória” e “I will Follow”, que ecoam na minha cabeça.

Seu livro segue personagens diferentes numa Comédia Humana sobre a perda. Um dos eixos de ação é Nova Iguaçu, que se põe como um ponto de partida. Qual é a Baixada que está ali e o quanto ela conversa com a sua região de infância e adolescência?

A Nova Iguaçu que aparece no livro não é um recorte geográfico, mas uma memória afetiva. É a Nova Iguaçu das casas com muro baixo, dos garotos que ouviam rock em fita cassete enquanto passava o carro do ovo, das ladeiras com vista para a cidade e para o abismo da vida adulta. É a cidade onde o amor acontecia em silêncio, com uma troca de olhares no ponto de ônibus. Nova Iguaçu no começo dos anos 1980 era só silêncio. Ficávamos horas nas ruas esperando o tempo passar sem fazer nada. Havia muitas conversas sobre tudo. Menos sobre o futuro. Não havia assalto, não havia medo de nada. Tínhamos pouca coisa a fazer, a não ser jogar bola, soltar

pipa e ver os poucos programas de TV que existiam. Era um outro tempo. Um tempo de amizades e amores intensos, com cartas, com flores, com declarações sinceras, sem interesses outros. Apenas viver de verdade.

Seu livro fala de amor, acima de tudo, nas catástrofes anunciadas e nas tragédias silenciosas. Qual é o desafio de conjugar o verbo “amar” na arte hoje, em tempos de polarizações?

O amor, hoje, virou um campo minado. Conjugá-lo na arte exige coragem para atravessar um terreno repleto de desconfiança, ironia e filtros. Vivemos uma era em que o sentimentalismo é visto com suspeita, e a exposição da vulnerabilidade emocional é quase um ato de resistência. O amor puro — aquele que move os personagens do livro — parece fora de moda, quase infantil, mas é exatamente aí que mora sua força. Num tempo em que se grita muito e se escuta pouco, amar é um gesto radical. Não falo do amor meloso ou da paixão vendida em série. Falo daquele amor que persiste mesmo quando tudo parece condenado — como nos anos 1980, quando dançar era também um ato político. O livro tenta propor isso: que ainda vale a pena amar mesmo quando tudo está prestes a acabar. Ou justamente por isso.

Você se dedicou ao marketing político hoje e à escrita de livros, ainda que mantenha o portal Laboratório Pop. No entanto, sua relação com o rock se faz notar nas referências do romance. Hoje, na música, que artistas mais te impressionam?

A música, para mim, é um termômetro da alma coletiva. Eu não vivo sem música em nenhum momento. E confesso que hoje ouço mais passado do que presente, mas isso não me impede de reconhecer brilhos atuais. Fico impressionado com artistas que ainda apostam em narrativa, textura e entrega — nomes como Weyes Blood e Nature TV criam sons que têm algo de sagrado e devastador, como se ainda estivessem tentando entender o mundo em vez de apenas descrevê-lo. Mas meus sons são os mesmos de sempre: U2, Prefab Sprout, Marillion, Joe Jackson, Chico Buarque, Jobim, o rock progressivo de todas as épocas. Sou eminentemente, nesse sentido, um sujeito que vive do passado. O rock, como o livro sugere, também virou uma espécie de arqueologia emocional. O que me atrai hoje é menos o hype e mais o que ainda pulsa com verdade. O marketing político me ensinou a identificar o falso. Por isso, quando ouço algo genuíno, minha pele reage. E talvez o grande desafio seja justamente esse: encontrar o que ainda não se vendeu inteiro.

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Combate identitário (II)

Imagem criada pela IA Sora



Retomando o que escrevi na Luta Identitária (I), tudo é “movimento vital”, porque tudo é “phýsis”, isto é, tudo é natureza; portanto, natureza é movimento vital. O rosto é movimento e, segundo Gilles Deleuze, é político.

Pulsa uma filosofia que parte do conceito de movimento, cuja linha filosófica, traçada por Heráclito, não só atravessa como entrecruza Platão em “O sofista”; mas, embora pensem o movimento vital de forma dessemelhante, ambos não são opostos, havendo tão somente um grau de diferença entre Heráclito e Platão.

Hegel pensa o movimento segundo esta marca de Heráclito: ser e não-ser, quer dizer, existe algo externo ao ser, a oposição. Hegel não vai ao Platão dos últimos 40 anos, quando o filósofo grego, por meio de uma dialética aberta, concebe o movimento sem oposição, e sim com as graduações do mesmo.

Muita abstração? Ora, sem abstração, não se amplia a realidade concreta, fazendo com que não entendamos que a dialética de Hegel, por pensar a oposição entre ser e não-ser, por pensar a contradição no movimento, é inútil para lermos o poder que age no lugar Menor, no lugar molecular, isto é, nos detalhes do cotidiano de Amado Benigno da Silva, motorista de Getúlio

Vargas a serviço de Luís Carlos Prestes; nos detalhes do cotidiano de cabo Anselmo, o amor do DOPS a serviço da guerrilheira Soledad; nos detalhes do cotidiano de Severino Theodoro de Mello, o camarada da ditadura militar a serviço do PCB como dirigente do Comitê Central.

Se o arquiteto Ludwig Mies disse “Deus está nos detalhes”, o poder da ditadura cívico-militar também esteve, comportando-se ora como o motorista de Preste, ora como o amor de Soledad, ora como o camarada do PCB. O desmoronamento de uma casa, sabemos, começa pela imperceptível insignificância de uma infiltração na parede.

Em uma das belas passagens de “Microfísica do Poder”, Foucault escreve na página 128 que “todo detalhe é importante, pois, aos olhos de Deus, nenhuma imensidão é maior que um detalhe”. Poético: nenhuma imensidão é maior que um detalhe. Mas nós, que não somos filósofos e muito menos poetas, somos grosseiros quando nos referimos ao poder como identidade, quer dizer, como se fosse possível identificá-lo como motorista, como amante, como camarada. O poder é não identitário, tal qual o rosto do traidor, que jamais luta contra, pois o inimigo é amigo ou o não ser é o ser. Não há oposição. A dialética é não hegeliana.



Formado por artistas e educadores, o grupo Vozes! acredita na cultura como ferramenta poderosa de transformação social pelo caminho da arte

Vozes da favela ecoam no palco

Espectáculo ‘Ecos Intrusivos’, do Grupo Vozes!, ocupa o Teatro Gláucio Gill com arte provocadora e potência periférica

Com direção de João Vitor Nascimento, o espetáculo “Ecos Intrusivos”, do Grupo de Teatro VOZES!, volta aos palcos a partir desta quinta-feira (5) no Teatro Gláucio Gill, em Copacabana. Criado no Complexo Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, o grupo retoma a montagem após um ano longe dos palcos, reafirmando seu compromisso com a arte feita na favela.

A trama mostra um grupo de pessoas presas em um ambiente claustrofóbico, atormentadas por vozes que desafiam suas percepções. Mais do que apresentar uma história linear, o espetáculo pro-

põe ao público uma experiência provocadora, marcada por metáforas e inquietações.

“O espetáculo é sobre como corpos que foram silenciados por muito tempo conseguem produzir escrita. É também uma afirmação de que nossas vozes e histórias têm lugar nos palcos dessa cidade”, afirma o diretor João Vitor Nascimento, nascido no Vidigal e idealizador do projeto.

A montagem tem músicas autorais e direção de movimento de Rosana Barros. O corpo é tratado como instrumento de pesquisa e criação. “É um convite para que os artistas se reconectem consigo, libertando-se de uma fisicalidade padrão e reencontrando sua

expressão mais ancestral”, explica Rosana, que também integra o grupo.

Fundado em 2019, o Vozes! oferece aulas gratuitas de teatro para jovens e adultos de sua região. Formado por artistas e educadores, o grupo acredita na cultura como ferramenta de transformação social. Sua atuação busca criar oportunidades e fortalecer vozes historicamente silenciadas, a partir de uma prática artística comprometida com a escuta, a inclusão e a afirmação da identidade periférica.

SERVIÇO

ECOS INTRUSIVOS
Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº – Copacabana)
De 5 a 27/6, às quintas e sextas (20h) | R\$ 30, R\$ 15 (meia-entrada, PCD, menor de 21 e profissionais da educação)

Drama que resgatou Brendan Fraser do ostracismo e lhe rendeu o Oscar, em cartaz na Netflix, ganha a cena teatral carioca, no Teatro Adolpho Bloch, com José de Abreu no papel principal

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Oceano de invenções cênicas, o Teatro Adolpho Bloch vira um aquário para a apreciação das reinvenções afetivas propostas por “A Baleia” (“The Whale”), peça de Samuel D. Hunter que ganha os palcos brasileiros com José de Abreu (com a vontade de potência em grau máximo) no papel que rendeu o Oscar a Brendan Fraser. O mamífero aquático do título foi consagrado pelo astro de “A Múmia” (1999) e “George da Selva” (1997) no filme homônimo de Darren Aronofsky, que pode ser visto na Netflix depois de devastar plateias em circuito.

Abreu encara a direção de Luís Artur Nunes no papel de um professor de Redação que, assolado por um luto devastador, tenta reaver os laços paternos com uma filha da qual ficou afastado. A obesidade mórbida prejudica sua reeducação sentimental, mas o amor é a argamassa de sua reconstrução emocional.

Orçado em US\$ 3 milhões (um trocado para o padrão de Hollywood), o drama lançado por Aronofsky em 2022, faturou US\$ 57,6 milhões na venda de ingressos. Fraser, que fez fama na década

Novo palco para ‘A Baleia’



Alê Catan/Divulgação



Divulgação

José de Abreu, ao centro, no elenco da versão teatral da peça de Samuel D. Hunter

Longa oscarizado, ‘A Baleia’ repaginou a carreira de Brendam Fraser

de 1990, andava em baixa, sumido das telonas, quando o realizador de “Cisne Negro” (2010) deu a ele o papel principal desse estudo sobre aceitação. O Oscar de Melhor Ator entregue a ele foi a coroação de um resgate de carreira, o chamado comeback, que a indústria audiovisual adora. Outra estatueta, a de Melhor Maquiagem e Penteados também foi concedida ao filme, entregue a um time de técnicos formado por Adrien Morot, Judy Chin e Annemarie Bradley-Sheron.

Em circuito brasileiro, logo que entrou em cartaz, “A Baleia” contabilizou 200 mil espectadores. Seu marketing principal: a volta por

cima de Brendan, que, na sequência, atuou em “Assassinos da Lua das Flores” (2023), de Martin Scorsese. Estrelou há pouco, na Amazon Prime, “Irmãos”, um thriller cômico com Peter Dinklage e Josh Brolin, e está filmando o épico “Pressure”, sobre a II Guerra, no papel do ex-presidente Dwight D. Eisenhower (1890—1969), em seus tempos de soldado, no front, de farda, como comandante dos Aliados.

Projetos como esse hoje espocam entre os agentes de Fraser graças ao trabalho de Aronofsky. “Nunca foi um caminho consciente meu explorar essa condição de Brendan, uma vez que, nos anos 1990, eu já era um cinéfilo adulto,

encantado por Kurosawa, que não estava de olho em filmes pop como os que ele estrelava”, disse Aronofsky ao Correio da Manhã, via Zoom. “Meu critério para a escolha de Brendan foi a força de seu olhar e o que ele podia agregar a uma figura que se isolou, como uma ilha, após uma perda”.

Aronofsky foi um dos produtores do único longa brasileiro a conquistar a Concha de Ouro do Festival de San Sebastián: “Pacificado” (2019), rodado no Rio, no Morro dos Prazeres, pelo americano Paxton Winters, com elenco nacional. Em meio ao êxito desse thriller sobre comunidades cariocas, o diretor construiu “A Baleia”, partindo da

peça teatral homônima de Samuel D. Hunter. Seu protagonista é um dedicado educador, Charlie, que engordou descontroladamente ao somatizar uma tragédia pessoal (a morte de seu namorado), beirando 300 quilos. Isso o levou a se isolar do mundo, afogado em seu apreço pela literatura do escritor Herman Melville (1819-1891), o autor de “Moby Dick” (1853), lecionando via Zoom com a câmera desligada. Gordofobia é uma das questões centrais que Aronofsky ataca ao nos apresentar Charlie, que anda cercado de vários dilemas, com uma dificuldade de se locomover, o que o leva a ser dependente de um andador e de argolas espalhadas pelo teto de sua casa. Para piorar, ele anda arfando muito, com falta de ar. Encarando dores fortes no peito, Charlie conta com o carinho da amiga, cunhada e enfermeira Liz (Hong Chau, numa afetuosa composição).

Apesar do afeto recebido dela, ele encarar com sofreguidão a sua incapacidade (aparente) de fazer com que a filha com quem ele pouco tinha contato, Ellie (Sadie Sink), possa se aceitar no turbilhão hormonal de sua adolescência. Mas uma súbita convivência com Ellie no momento de piora em seu estado clínico lhe devolve alegria, mas traz outros dilemas. “Existe sempre um risco de clichê na representação do amor familiar, pois toda e qualquer família, de qualquer canto do mundo, encara dilemas como rejeição e incompatibilidade”, diz Aronofsky.

Para viver o herói criado por Hunter, Zé terá uma caracterização complexa. O ator usa prótese facial e um figurino com enchimento, climatizado. O figurinista Carlos Alberto Nunes e a visagista Mona Magalhães, ambos da UniRio, comandam a concepção desse exoesqueleto. O elenco também conta com Luisa Thiré, Gabriela Freire, Eduardo Speroni e a participação especial de Alice Borges. A produção traz cenários assinados por Bia Junqueira, figurinos de Carlos Alberto Nunes, iluminação de Maneco Quinderé e trilha sonora assinada pelo instrumentista italiano Federico Puppi.



Antiguidade clássica presente!

Na exposição o público pode ver de perto obras da Grécia Antiga, do Barroco e do Modernismo, revelando como os mitos gregos continuam a ecoar na arte de diferentes épocas



Mostra na Casa Museu Eva Klabin reúne obras do acervo e fotografias contemporâneas para revelar como a mitologia greco-romana ainda ecoa na arte, na cultura e na paisagem urbana



obras inspiradas nas “Metamorfoses” de Ovídio revelam como os mitos clássicos atravessaram os séculos. São cinco pinturas do Renascimento e do Barroco que retratam os amores divinos e o fascínio por figuras como Narciso, Eco e Vênus.

Na Sala Verde, o público encontra objetos decorativos, moedas e estatuetas que revelam como a estética da Antiguidade permaneceu ao longo dos tempos e moldou hábitos, gostos e até paisagens urbanas. “O antigo permanece em nós por práticas e formas de olhar uma casa ou uma cidade”, diz Liborio.

A presença dos deuses também está nas ruas do Rio. Na Sala China, a mostra exhibe 15 fotografias de Thiago Lontra que registram monumentos cariocas inspirados na mitologia clássica, espalhados por bairros como o Centro, o Jardim Botânico, o Catete e a Gávea. São imagens que revelam um “Olimpo na cidade”, em que passado e presente coexistem na paisagem cultural do Rio de Janeiro.

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A exposição “Ecos do Olimpo: deuses e mitos na Coleção Eva Klabin” estreia no dia 7 de junho, na Casa Museu Eva Klabin, com entrada gratuita. A mostra ocupa os dois andares do espaço com obras que atravessam séculos, desde cerâmicas gregas e esculturas antigas até pinturas barrocas e uma gravura de Pablo Picasso.

Com curadoria de Diogo Maia e Dou-

glas Liborio, a exposição parte da ideia de que o passado é algo vivo, reinventado a cada novo olhar. “Mais do que aproximar as peças, buscamos trazer o sentido da não linearidade dos tempos e como o passado constrói a imagem de uma pessoa e de uma cidade”, afirma Liborio.

A exposição é dividida em quatro núcleos, guiados simbolicamente pelo “fio de Ariadne”. Cada sala representa uma etapa dessa travessia: da relação entre Apolo e Ártemis à celebração do banquete dos deuses por Dioniso, aqui representado de forma

contemporânea. Um dos destaques é o desenho de um fauno feito por Picasso.

Segundo os curadores, a curadoria enfrentou o desafio de selecionar obras dentro de um acervo vasto e diverso como o de Eva Klabin. “Inicialmente, olhamos para peças diretamente ligadas ao mundo greco-romano, mas percebemos que a mitologia antiga atravessa outros estilos e períodos, como a pintura barroca e a arte decorativa do século XVIII”, conta Liborio.

A influência da literatura também se faz presente. No núcleo central da mostra,

SERVIÇO

ECOS DO OLIMPO

Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, nº 2480 – Lagoa)

De 7/6 a 24/8, de quarta a domingo (14h às 18h) | Entrada franca